230.41
L973o-P
v. 2

Martinho Lutero

Obras Selecionadas

Volume 2
O Programa da Reforma
Escritos de 1520

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
BIBLIOTECA
60 458
SÃO LEOPOLDO

Editora Sinodal
São Leopoldo

Concórdia Editora
Porto Alegre

1989

Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã[1]

INTRODUÇÃO

Desde princípios de 1520 o conteúdo do "Tratado sobre a liberdade cristã" está fixado. Lutero apresenta-o em suas preleções e pregações. O título "Sobre a liberdade cristã" é quase que o antônimo do escrito "Do cativeiro babilônico da Igreja"[2], publicado em outubro de 1520. Pano de fundo do tratado é a experiência feita pela fé que se sabe livre das tentações.

O esquema está determinado pela dupla tese paradoxal:

"O cristão é um senhor libérrimo sobre tudo, a ninguém sujeito.

O cristão é um servo oficiosíssimo de tudo, a todos sujeito."

As categorias "pessoa exterior" e "interior" foram tomadas por Lutero da mística alemã e correspondem, em sua opinião, à antropologia do apóstolo Paulo. A pessoa interior é idêntica ao justificado. Ela não é liberta nem presa por coisas exteriores. Isso deve ser dito tanto em relação às condições de vida quanto à prática cúltica ou de piedade. O caminho que leva à vida cristã, à justiça e à liberdade não é feito de meditações ou de especulações, mas unicamente pelo Evangelho de Jesus Cristo. Qual é esse Evangelho? A mensagem do Filho de Deus, que se encarnou, sofreu, morreu, ressuscitou e foi glorificado. O ministério de Cristo foi o ministério da Palavra. Esse é também o ministério dos bispos e dos sacerdotes. A mensagem de Cristo só pode ser recebida na fé, e, por isso, é a fé que justifica, é ela que traz a salvação e não a obra externa. A exclusividade da justiça da fé é ainda sublinhada por um outro aspecto: a lei faz exigências, provocando, assim, o reconhecimento do pecado; Cristo, porém, promete, e, onde sua palavra é crida, une os cristãos com ele. Isso as obras não conseguem. A fé na Palavra da promessa rende glória a Deus. A essa fé Deus atribui a justiça. Ponto alto do tratado encontramos na descrição do relacionamento de Cristo e da alma, descrito como relacionamento de noivo e noiva, cujo anel de noivado é a fé. Os noivos permutam todos os seus bens: Cristo dá sua justiça e bem-aventurança e a "meretrícula pobrezinha" lhe dá seu pecado. A novidade dessa descrição de Lutero não está no uso da mística-de-noiva, mas no fato de que Cristo se relaciona incondicionalmente com o ser humano. Essa concepção não pode ser partilhada pelo escolasticismo. Quando a fé deixa Deus ser Deus, a lei é cumprida. O relacionamento de Cristo com o crente não é abstrato, mas pleno de conteúdo: faz dos crentes reis e sacerdotes; apesar de seu enredamento em cruz e morte, estão acima de todas as coisas terrenas, em sentido espiritual, como corresponde ao reino de Cristo, isso é, não sendo dominadores. A essa realeza cristã alia-se a função sacerdotal que consiste em comparecer diante de Deus e orar por outros. Com isso, não existe diferença entre sacerdotes e leigos. Os servidores eclesiásticos são os servos dos crentes. Com isso está eliminada qualquer tirania eclesiástica e destruído o cativeiro eclesiástico.

---

1 *Mar. Lutheri tractatus de libertate christiana*, WA 7,49-73. Tradução de Ilson Kayser.

2 Cf. neste volume, pp. 341ss.

A segunda parte da tese paradoxal, que fala do caráter servil do cristão, diz, primeiro, respeito ao ser humano exterior, que ainda está na carne, voltando-se contra o libertinismo. O ser humano terreno ainda necessita do controle do próprio corpo. Essa ação não o justifica, mas é conseqüência da justificação. Lutero volta-se contra toda forma de pregação legalista e de confissão que prometem justificação. A justificação vem tão-somente do Evangelho. A lei só leva à descoberta do pecado. Em segundo lugar, o caráter servil do cristão diz respeito a seu relacionamento com o próximo. Segundo o exemplo de Cristo, o crente serve em liberdade servil, tornando-se "como um Cristo" para o próximo. No servir, a fé cumpre toda a justiça terrena. O cristão não tem sua existência em si mesmo, mas na fé em Cristo e no amor ao próximo. É dessa maneira que ele vive em comunhão com Deus.

Ao se avaliar o "Tratado sobre a liberdade cristã", deve-se ter em mente que ele fala da liberdade resultante da justificação. Sua argumentação está dirigida contra um legalismo eclesiástico. Aqui está seu significado emancipatório, pois se volta contra uma Igreja repressora. Contra essa Igreja repressora, o tratado pergunta pela força que possibilita liberdade. A liberdade cristã é proveniente de Deus, é presente dele, e não é conseguida através de ativismo que busca auto-realização religiosa. A visão antropológica subjacente ao tratado vai além do anseio por liberdade política e social — sem excluí-las (!) —, buscando a finalidade do ser humano em seu relacionamento com Deus. Essa concepção está em oposição ao conceito antropológico de então e também colide com concepções modernas a respeito das potencialidades do ser humano. Uma de suas conseqüências é um engajamento muito humano em prol de salvação plena para o próximo.

"Da liberdade cristã" teve muitas edições. Em 1520 foram publicadas nove edições alemãs e três latinas. Já no ano seguinte haveria mais quatro alemãs e quatro latinas. Entre as edições conhecidas sabe-se de impressões em Wittenberg, Antuérpia, Basiléia, Leipzig, Estrasburgo e Augsburgo.

Martin N. Dreher

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

A muitos a fé cristã pareceu coisa fácil, e não poucos também a contam entre as virtudes. Fazem isso porque não a provaram por nenhuma experiência e nunca tomaram o gosto de quão grande é seu poder, visto ser impossível que escreva bem a respeito dela ou entenda bem escritos corretos sobre ela quem não tenha alguma vez provado o espírito da mesma através de tribulações urgentes. Quem, todavia, tiver provado por pouco que seja, jamais pode escrever, dizer, pensar, ouvir o suficiente a respeito dela, pois tal pessoa é uma fonte viva que jorra para a vida eterna, como Cristo a chama em Jo 4.14. Eu, porém — embora não possa gloriar-me de abundância e saiba quão pequeno é meu suprimento —, espero ter alcançado um pouco de fé, agitado que

fui por grandes e várias tentações. Espero também poder falar dela se não de modo mais elegante, pelo menos de modo mais sólido do que estes debatedores literais e, sem dúvida, sutis dissertaram até hoje sem entender suas próprias palavras. Para abrir um caminho mais fácil para as pessoas rudes (pois é só a estas que sirvo), adianto estas duas teses acerca da liberdade e da servidão do espírito:

O cristão é um senhor libérrimo sobre tudo, a ninguém sujeito.
O cristão é um servo oficiosíssimo de tudo, a todos sujeito.

Ainda que estas afirmações pareçam contradizer-se, elas se prestarão muito bem ao nosso propósito quando se descobrir que concordam entre si. Pois são do próprio Paulo, que diz ambas: "Embora sendo livre, fiz-me escravo de todos." (1 Co 9.19.) "A ninguém fiqueis devendo qualquer coisa, exceto que vos ameis uns aos outros." (Rm 13.8.) Ora, por sua natureza o amor é oficioso e submisso ao que é amado. Assim também Cristo: embora Senhor de todos, foi feito de mulher, feito sob a lei[3], simultaneamente livre e servo, ao mesmo tempo na forma de Deus e na forma de servo[4].

Abordemos isso desde o princípio, de maneira mais profunda e clara: a pessoa humana é constituída de natureza dupla, a espiritual e a corporal. De acordo com a natureza espiritual, que denominam a alma, ela é chamada de pessoa espiritual, interior, nova. De acordo com a natureza corporal, que denominam a carne, ela é chamada pessoa carnal, exterior, velha, sobre a qual o apóstolo [escreve] em 2 Co 4.16: "Mesmo que nossa pessoa exterior se corrompa, a interior é renovada de dia em dia." Essa diversidade faz com que nas Escrituras se digam coisas contraditórias acerca da mesma pessoa, visto que também na mesma pessoa estas duas pessoas estão em luta uma com a outra, na medida em que a carne cobiça contra o espírito, e o espírito contra a carne (Gl 5.17).

Voltemo-nos, pois, em *primeiro* lugar, à *pessoa interior*, para ver o que faz com que ela se torne justa, livre e verdadeiramente cristã, isto é, pessoa espiritual, nova, interior. É evidente que em absoluto nenhuma coisa externa, qualquer que seja o nome que se lhe dê, tem qualquer significado para a aquisição da justiça ou da liberdade cristã, como também não o tem para a aquisição da injustiça ou da servidão, como é fácil comprovar. Pois que poderia ser útil à alma se o corpo passa bem, está livre e cheio de vida, come, bebe e faz o que quer, quando até os mais ímpios escravos de todas as depravações florescem nestas coisas? Por outra, que mal fará à alma a saúde abalada, ou cativeiro, ou fome, ou sede, ou qualquer outro incômodo externo, quando até as pessoas mais piedosas e mais livres na consciência pura são atormentadas por estas coisas? Nenhuma dessas coisas alcança a alma para libertar ou escravizá-la. Assim de nada adianta[5] se o corpo se enfeita com vestes sacras, a exemplo dos sacerdotes, ou permanece em recintos sagrados, ou se ocupa com ofícios sagrados, ou ora, jejua, se abstém de certos alimentos e faz toda obra que pode ser feita por meio do corpo ou no corpo. É preciso algo bem diferente

3 Cf. Gl 4.4. 4 Cf. Fp 2.6s. 5 Sc. à alma.

para [trazer] justiça e liberdade à alma, visto que aquilo que referimos pode ser feito por qualquer ímpio, e por meio desses esforços não se produz outra coisa do que hipócritas. Por outro lado, não prejudica a alma se o corpo está vestido de vestes profanas, se detém em lugares profanos, come, bebe em sociedade, não ora em voz alta e deixa de fazer todas as coisas anteriormente mencionadas que podem ser feitas pelos hipócritas.

E para rejeitarmos tudo, também as especulações, meditações e qualquer coisa que pode ser produzida pelo esforço da alma de nada aproveita. Uma só coisa é preciso para a vida, a justiça e a liberdade cristã, e somente esta: é o sacrossanto Verbo de Deus, o Evangelho de Cristo, como ele diz em Jo 11.25: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim não morrerá eternamente." Do mesmo modo em Jo 8.36: "Se o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres." E em Mt 4.4: "Não só de pão vive a pessoa, mas de toda palavra que procede da boca de Deus." Portanto, temos que ter por certo e estabelecido firmemente que a alma pode carecer de todas as coisas exceto da palavra de Deus, sem a qual absolutamente nenhuma coisa lhe é de valia. Tendo, porém, a Palavra, ela é rica, de nada mais carecendo, visto ser a palavra da vida, verdade, luz, paz, justiça, salvação, alegria, liberdade, sabedoria, virtude, graça, glória e de todo bem em medida inestimável. É por isso que em todo o Octonário[6] e em muitas outras passagens o profeta suspira pela palavra de Deus e a invoca com tantos gemidos e palavras. Por outro lado, não há praga mais cruel da ira de Deus do que quando ele envia fome de ouvir sua palavra, como diz em Amós[7], como também não existe maior graça do que quando envia sua palavra, conforme Sl 106[107].20: "Enviou sua palavra, e os sarou, e os livrou de sua perdição." Também Cristo não foi enviado para outra tarefa do que para [pregar] a Palavra; também o apostolado, o episcopado e toda a ordem clerical para outra coisa não foram chamados e instituídos do que para o ministério da Palavra.

Se, porém, perguntares: "Qual é esta palavra, ou de que maneira se deve usá-la, visto que são tantas as palavras de Deus?", respondo: o apóstolo explica isso em Rm 1.1ss., a saber, o Evangelho de Deus a respeito de seu Filho que se fez carne, sofreu, ressuscitou e foi glorificado pelo Espírito santificador. Que Cristo pregou significa que pastoreou a alma, a justificou, libertou e salvou, se ela creu na pregação. Pois somente a fé constitui uso salutar e eficaz da palavra de Deus, [conforme] Rm 10.9: "Se com tua boca confessares que Jesus é o Senhor, e com teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo." E novamente: "O fim da lei é Cristo, para justiça de todo crente." [Rm 10.4.] E Rm 1.17: "O justo vive de sua fé." Pois a palavra de Deus não pode ser recebida e cultivada por nenhuma obra humana, senão somente pela fé. Por isso claro está que assim como a alma necessita tão-somente da Palavra para a vida e a justiça, do mesmo modo ela é justificada

6 Trata-se do Salmo 119, designado de *octonarius* por estar subdividido em seções de oito versículos.

7 Cf. Am 8.11s.

somente pela fé, e por nenhuma obra. Pois se pudesse ser justificada por qualquer outra coisa, ela não necessitaria da Palavra e, conseqüentemente, também não da fé. Na verdade, de forma alguma tal fé pode subsistir com obras, isso é, se presumes, ao mesmo tempo, ser justificado por obras, quaisquer que sejam. Pois isso significaria claudicar para dois lados[8], adorar a Baal e beijar a mão, o que é iniqüidade máxima, como diz Jó[9]. Por isso, quando começas a crer, aprendes simultaneamente que todas as coisas que se encontram em ti mesmo são de todo culpáveis, pecaminosas, condenáveis, de acordo com Rm 3.23: "Todos pecaram e carecem da glória de Deus", e Rm 3.10ss.: "Não há justo, não há quem faça o bem, todos se corromperam, juntamente se fizeram inúteis." Uma vez reconhecido isso, saberás que tens necessidade de Cristo, que por ti sofreu e ressuscitou, para que, crendo nele, te tornes outra pessoa por meio desta fé, recebendo perdão de todos os teus pecados e sendo justificado por méritos alheios, a saber, somente pelos méritos de Cristo.

Visto que tal fé só pode reinar na pessoa interior, conforme diz Rm 10.10: "Com o coração se crê para a justiça", e que só ela justifica, está claro que a pessoa interior não pode ser justificada, liberta e salva por nenhuma obra ou negócio externo, e que as obras, quaisquer que sejam, não lhe dizem respeito, assim como, do contrário, se torna culpada e uma condenável escrava do pecado somente pela impiedade e incredulidade do coração, e não por algum pecado ou obra externa. Por isso a primeira preocupação de qualquer cristão deve ser esta: uma vez posta de lado a ilusão das obras, fortalecer mais e mais somente a fé, e crescer por meio dela no conhecimento, não de obras, mas de Cristo Jesus que por ele sofreu e ressuscitou, como ensina Pedro no último capítulo de sua primeira epístola[10]; pois nenhuma outra obra é capaz de fazer um cristão. Como [diz] Cristo em Jo 6.29,27, quando os judeus perguntaram o que deviam fazer para operar as obras de Deus: depois de ter rejeitado a multidão de obras das quais os via orgulhar-se, prescreveu-lhes uma só obra, dizendo: "Esta é a obra de Deus: que creiais naquele a quem ele enviou, pois é a este que Deus o Pai marcou com seu selo."

Por isso a verdadeira fé em Cristo é um tesouro incomparável, trazendo consigo a salvação toda e preservando de todo mal, como ele diz no último capítulo de Marcos: "Quem crer e for batizado será salvo; quem não crer será condenado." [16.16.] Vendo a este tesouro, predisse Isaías: "O Senhor fará sobre a terra uma palavra breve e consumidora, e a abreviação consumada inundará a justiça" (Is 10.22), como a dizer: "A fé, que é o breve e consumado cumprimento da lei, encherá os crentes de tanta justiça que não necessitarão de qualquer outra coisa para a justiça"; como também diz Paulo em Rm 10.10: "Pois com o coração se crê para a justiça."

Perguntas, porém, por que razão acontece que somente a fé justifica e, sem obras, oferece um tesouro de tantos bens, visto que nas Escrituras nos são prescritas tantas obras, cerimônias e leis. Respondo: antes de mais nada é preciso ter em mente o que já foi dito: só a fé, sem as obras, justifica, liberta

8 Cf. 1 Rs 18.21.

9 Cf. Jó 31.27.

10 Cf. 1 Pe 5.10.

e salva, o que esclareceremos abaixo. Entrementes é preciso assinalar que toda a Escritura de Deus está dividida em duas partes: preceitos e promessas. Os preceitos ensinam muita coisa boa, mas as coisas ensinadas não acontecem logo. É que eles mostram o que devemos fazer, mas não dão a força para fazê-lo. São ordenados, porém, para revelar a pessoa a si mesma, para que assim reconheça sua impotência para o bem e desespere de suas próprias forças. Por esta razão são chamados de Antigo Testamento, e também o são. Um exemplo para isso: "Não cobices"[11] é um preceito pelo qual todos nós somos convencidos de que somos pecadores, visto que ninguém consegue deixar de cobiçar, não importando o que faça contra isso. Portanto, para que não cobice, e cumpra o preceito, é obrigado a desesperar de si mesmo e procurar em outro lugar ou por meio de outro o auxílio que não encontra em si próprio, como diz em Oséias: "És tua própria perdição, Israel, e teu auxílio está só em mim." [Os 13.9.] E o que acontece com este um preceito acontece com todos: todos eles nos são igualmente impossíveis.

Quando, pois, [a pessoa] aprendeu sua impotência por meio dos preceitos e já ficou ansiosa quanto a como satisfazer a lei, visto que é necessário satisfazer a lei, de sorte que nem um jota, nem uma letra sequer se passe[12] (caso contrário [a pessoa] será condenada sem qualquer esperança), então, realmente humilhada e reduzida a nada a seus olhos, não encontra em si mesma aquilo pelo qual possa ser justificada e salva. Neste ponto se faz presente a outra parte da Escritura — as promissões de Deus, que anunciam a glória de Deus e dizem: "Se queres cumprir a lei, não cobiçar, como exige a lei, crê em Cristo no qual te são prometidas graça, justiça, paz, liberdade, e tudo; se creres, terás; se não creres, ficarás sem." Pois o que te é impossível em todas as obras da lei, que são muitas, e, assim mesmo, inúteis, isso cumprirás de modo fácil e resumido pela fé. Porque Deus Pai depositou tudo na fé, para que quem tem a esta, tenha tudo; quem não a tem, não tenha nada. "Pois encerrou todas as coisas sob a incredulidade, para compadecer-se de todos." (Rm 11.32.) Assim as promessas de Deus dão de presente o que os preceitos exigem, e cumprem o que a lei ordena, para que tudo seja exclusivamente de Deus, tanto os preceitos quanto seu cumprimento. Só ele dá preceitos, só ele os cumpre; por isso as promessas de Deus fazem parte do Novo Testamento, melhor, são o Novo Testamento.

Como, porém, tais promessas de Deus são palavras santas, verdadeiras, justas, livres, pacíficas e plenas de toda bondade, acontece que a alma que a elas se atém com fé firme, será unida a elas de tal modo, ou por elas totalmente absorvida, que não apenas participará mas será saturada e inebriada de toda a força delas. Pois se o tato de Cristo curava, quanto mais esse tenríssimo contato no Espírito, ou melhor, essa absorção da Palavra comunicará à alma tudo que é próprio da Palavra! Por esta maneira, portanto, a alma é justificada somente pela fé, sem as obras, a partir da palavra de Deus, é santificada, tornada verdadeira, pacificada, libertada e repleta de todo bem, e se torna

11 Cf. Êx 20.17.

12 Cf. Mt 5.18.

verdadeiramente filha de Deus, como diz Jo 1.12: "Deu-lhes poder de serem feitos filhos de Deus, àqueles que crêem em seu nome."

A partir daí é fácil compreender por que a fé é capaz de tão grandes coisas e por que nem todas as obras juntas podem igualar-se a ela; pois nenhuma obra pode prender-se à palavra de Deus e estar na alma, mas nela reinam somente a fé e a Palavra. Assim como é a Palavra, tal se torna a alma por meio dela, da mesma forma como o ferro candente fica incandescente como o fogo por causa de sua união com o fogo, para que fique claro que à pessoa cristã basta sua fé para tudo, e que não tem necessidade de obras para ser justificada. Se não precisa de obras, também não precisa da lei; se não precisa da lei, é certo que está livre da lei, e é verdade: "Para o justo não foi dada nenhuma lei." [1 Tm 1.9.] Esta é a liberdade cristã, nossa fé, que não faz que sejamos ociosos ou vivamos mal, mas que ninguém necessite da lei ou de obras para a justiça e a salvação.

Este é o primeiro poder da fé. Agora vejamos também o outro. Pois é igualmente ofício da fé ter aquele em quem crê no mais piedoso e elevado conceito, a saber, tê-lo em conta de veraz e digno, em quem se deve acreditar. Pois não existe honra semelhante ao conceito da veracidade e justiça com que honramos aquele em quem cremos. Poderíamos atribuir algo maior a alguém do que veracidade, justiça e bondade absoluta? E por outra, a maior vergonha é ter alguém em conta ou na suspeita da mentira ou da iniqüidade, o que fazemos quando não cremos nele. Assim a alma, quando crê com firmeza no Deus promitente, o tem em conta de veraz e justo, e não se pode atribuir a Deus nada mais honroso do que este conceito. Este é o culto supremo a Deus: atribuir-lhe a verdade, justiça e tudo que se deve tributar àquele em quem se crê. Aqui ela se entrega com disposição a todas as vontades dele, aqui santifica seu nome e aceita que se aja com ela como aprouver a Deus; porque, apegada a suas promessas, não duvida que ele, o verdadeiro, justo e sábio, fará, disporá e providenciará tudo da melhor maneira. E não é tal alma a mais obediente a Deus em tudo por meio desta sua fé? Que preceito resta que tal obediência não tenha cumprido com sobra? Que plenitude é mais completa do que a obediência em tudo? A esta, porém, não a produzem as obras, mas somente a fé. Por outro lado, que rebelião, que impiedade, que ofensa contra Deus é maior do que não crer no Promitente? Que outra coisa é isto do que ou fazer Deus de mentiroso ou duvidar que seja veraz? isso é, atribuir a verdade a si mesmo, a Deus, porém, a mentira e a vaidade? Não se nega a Deus com isso e não se erige a si mesmo como ídolo no coração? Que, pois, valem as obras realizadas nesta impiedade, ainda que sejam angélicas e apostólicas? Deus, portanto, encerrou corretamente tudo não na ira e na libido, mas na incredulidade, para que aqueles que imaginam cumprir a lei com castas e benignas obras da lei (como o são as virtudes políticas e humanas) não presumam serem salvos, visto que, compreendidos no pecado da incredulidade, têm que buscar a misericórdia ou ser condenados pela justiça.

Quando, porém, Deus vê que lhe é atribuída a verdade e que é honrado pela fé de nosso coração com tão grande honra como ele a merece, também

ele nos honra, atribuindo também a nós a verdade e a justiça por causa desta fé. Pois a fé faz a verdade e a justiça, devolvendo a Deus o que lhe pertence; por isso, por sua vez, Deus devolve a glória à nossa justiça. Pois é verdadeiro e justo que Deus é veraz e justo; e atribuir-lhe isso e confessá-lo, isso é ser veraz e justo. Assim [diz] 1 Rs[13] 2.30: "Qualquer que me honra, eu o glorificarei, os que, porém, me desprezam, serão ignóbeis." Assim diz Paulo em Rm 4.3 que a fé de Abraão lhe foi imputada para justiça, porque por meio dela deu plenamente glória a Deus, e que pela mesma razão também a nós [a fé] deverá ser imputada para justiça, se tivermos crido.

A terceira incomparável graça da fé é esta: a alma é copulada com Cristo como a noiva com o noivo, sacramento pelo qual (como ensina o apóstolo) Cristo e alma são feitos uma só carne[14]. Sendo eles uma carne, é consumado entre eles o verdadeiro matrimônio, sim, o mais perfeito de todos, enquanto os matrimônios humanos são figuras tênues desse matrimônio único. Daí se segue que tudo se lhes torna comum, tanto as coisas boas quanto as más, de modo que a alma fiel pode apropriar e gloriar-se de tudo que Cristo possui como sendo seu, e de tudo que tem a alma Cristo se apropria como se fosse seu. Confiramos isso, e veremos coisas inestimáveis. Cristo é cheio de graça, vida e salvação; a alma está cheia de pecados, morte e condenação. Intervenha agora a fé, e acontecerá que os pecados, a morte e o inferno se tornam de Cristo, e a graça, vida e salvação são da alma. Pois se ele é o noivo, tem que, simultaneamente, aceitar o que é da noiva e compartilhar com a noiva o que é seu. Porque, quem lhe dá o corpo e a si próprio, como não lhe daria tudo que é seu? E quem aceita o corpo da noiva, como não aceitaria tudo o que é da noiva?

Aqui se oferece o mais doce espetáculo não somente da comunhão mas também da salutar guerra e vitória, da salvação e redenção. Pois como Cristo é Deus e homem e a pessoa que nem pecou, nem morre, nem é condenada, e sequer pode pecar, morrer e ser condenada, e como sua justiça, vida e salvação é insuperável, eterna, onipotente — como, digo, tal pessoa torna comum a si, ou melhor, torna seus próprios os pecados, a morte e o inferno da noiva, também por causa da aliança da fé, e neles não se comporta de outra maneira do que se fossem seus próprios e como se ele mesmo tivesse pecado, atribulando-se, morrendo e descendo ao inferno, para que tudo superasse, e pecado, morte e inferno não o pudessem devorar, necessariamente estão devorados nele em duelo estupendo. Pois sua justiça é superior ao pecado de todos, sua vida é mais potente do que qualquer morte, sua salvação invencível demais a todo inferno. Assim a alma do crente se torna livre de todos os pecados pelas arras de sua fé em Cristo, seu noivo, segura contra a morte e protegida do inferno, presenteada com eterna justiça, vida, salvação de seu noivo Cristo. Assim apresenta a si uma noiva sem mácula nem ruga, gloriosa, purificando-a pelo banho na palavra da vida[15], isso é, pela fé na Palavra, na vida, na justiça e na

13 Trata-se de 1 Sm.

14 Cf. Ef 5.31s.

15 Cf. Ef 5.26s.

salvação. Desta maneira noiva com ela em fé, em misericórdia e atos de compaixão, em justiça e juízo, como diz Oséias 2.19s.

Quem, portanto, estimará suficientemente a tais núpcias reais? Quem será capaz de compreender as riquezas da glória desta graça? Quando o rico e piedoso noivo Cristo toma por noiva esta meretrícula pobrezinha e ímpia, redimindo-a de todos os seus males e ornando-a com todos os seus bens, já não é mais possível que seus pecados a levem à perdição, visto que estão colocados sobre Cristo e absorvidos nele. Ela própria tem esta justiça em Cristo, seu noivo, da qual deve usufruir como de sua própria, podendo opô-la a todos os seus pecados, contra a morte e o inferno, em confiança, e dizer: "Se eu pequei, não pecou, todavia, meu Cristo, em quem creio; tudo o que é dele é meu e tudo o que é meu é dele", segundo Cantares: "O meu amado é meu e eu sou dele." [2.16.] É isso que diz Paulo em 1 Co 15.57: "Graças a Deus que nos deu a vitória por Jesus Cristo, nosso Senhor", a vitória sobre o pecado e a morte, como indica ali: "O pecado é o aguilhão da morte, mas a força do pecado é a lei." [1 Co 15.56.]

A partir daí novamente entendes por que razão se dá tanto valor à fé, que só ela cumpre a lei e justifica sem quaisquer obras. Pois vês que o primeiro mandamento, que diz: "Adorarás [somente] ao único Deus"[16], é cumprido exclusivamente pela fé. Pois se tu mesmo outra coisa não fosses do que boas obras dos pés à cabeça, assim mesmo não serias justo, nem adorarias a Deus, nem cumpririas o primeiro mandamento, visto que Deus não pode ser adorado a não ser que se lhe tribute a glória da verdade e de toda a bondade, como de fato lhe deve ser tributada; isso, porém, não o fazem as obras, mas somente a fé do coração. Pois não é obrando que glorificamos a Deus e o confessamos veraz, mas crendo. Por isso somente a fé é a justiça da pessoa cristã e cumprimento de todos os mandamentos. Pois quem cumpre o primeiro, cumpre com facilidade todos os demais. As obras, porém, sendo coisas insensatas[17], não podem glorificar a Deus, ainda que possam ser feitas para a glória de Deus (se existe fé). Neste momento, porém, não buscamos as coisas que são feitas, quais sejam, as obras, mas àquele que faz, que glorifica e produz as obras. Esta é a fé do coração, cabeça e substância de toda a nossa justiça. De sorte que é doutrina obscura e perigosa aquela que ensina que os mandamentos são cumpridos pelas obras, visto que a lei tem que estar cumprida antes de todas as obras, e as obras seguem o cumprimento, como ouviremos.

No entanto, para vermos de modo mais amplo esta graça que aquela nossa pessoa interior tem em Cristo, é preciso saber que no Antigo Testamento Deus santificou para si todo primogênito masculino[18]. A primogenitura era

16 Cf. Êx 20.3,5; Dt 6.13; Mt 4.10; Lc 4.8.

17 *Res insensatae*, no original. "Coisas inanimadas" (cf. Harold J. GRIMM, ed., *Luther's Works*, 2. ed., Philadelphia, Muhlenberg, 1958, vol. 31 ["Career of the Reformer: I"], p. 353) também seria uma tradução plausível.

18 Cf. Êx 13.2; 22.29s.

tida em alta consideração, tendo dois privilégios sobre os demais: o sacerdócio e o reinado. Pois o irmão primogênito era sacerdote e senhor de todos os outros, figura na qual é prefigurado Cristo, verdadeiro e único primogênito do Pai e da virgem Maria, verdadeiro rei e sacerdote, não segundo a carne e a terra, pois seu reino não é deste mundo[19]. Ele reina e consagra em assuntos celestiais e espirituais, quais sejam: a justiça, verdade, sabedoria, paz, salvação, etc. Não que todas as coisas terrenas e subterrenas não lhe fossem sujeitas também (de outro modo, como poderia proteger e salvar-nos delas?). Mas seu reinado não consiste nelas ou delas. Assim também seu sacerdócio não consiste na pompa externa das vestimentas e gestos, como foi aquele sacerdócio humano de Arão e hoje [o é] nosso sacerdócio eclesiástico; ele consiste em coisas espirituais, através das quais interpela por nós no céu perante Deus, por meio de um ministério invisível, oferecendo-se ali a si mesmo e fazendo tudo o que um sacerdote deve fazer, como o descreve Paulo em Hebreus a partir da figura de Melquisedeque[20]. Não apenas ora por nós e interpela, mas também nos ensina interiormente no espírito pelas vivas doutrinas do seu Espírito, duas coisas que são ministérios próprios de um sacerdote; nos sacerdotes carnais isto é figurado pelas preces e pregações visíveis.

Como, porém, Cristo obteve estas duas dignidades por meio de sua primogenitura, assim as compartilha e comunica a qualquer de seus fiéis, segundo o direito do matrimônio anteriormente referido, de acordo com o qual é da noiva tudo o que é do noivo. A partir disso, em Cristo somos todos sacerdotes e reis os que cremos em Cristo, como diz 1 Pe 2.9: "Vós sois geração eleita, povo adquirido, sacerdócio régio e reino sacerdotal, para narrar as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz." Estas duas coisas se relacionam da seguinte forma: no que diz respeito ao reinado, qualquer cristão é tão elevado acima de todas as coisas por meio da fé, que se torna senhor de tudo pelo poder espiritual, de tal forma que nada lhe pode causar dano algum; sim, todas as coisas lhe estão sujeitas e são obrigadas a servir para sua salvação. Assim diz Paulo em Rm 8.28: "Para os eleitos todas as coisas cooperam para o bem." Igualmente em 1 Co 3.22s.: "Tudo é vosso, seja morte, seja vida, coisas do presente ou futuras; vós, porém, sois de Cristo." Não que algum cristão esteja constituído acima de todas as coisas por poder corporal, para possuir e manipulá-las — loucura da qual padecem certos eclesiásticos em toda parte (pois isso cabe aos reis, príncipes e seres humanos na terra) —, pois vemos na própria experiência da vida que estamos sujeitos a todas as coisas, que sofremos muito e inclusive morremos: sim, quanto mais cristão alguém é, a tanto mais males, sofrimentos e mortes está sujeito, como vemos no próprio príncipe primogênito Cristo e em todos os seus santos irmãos. Este poder é espiritual, que domina em meio aos inimigos e é potente em meio às opressões. Isso não é outra coisa do que: o poder é aperfeiçoado na fraqueza[21], e em tudo posso tirar proveito para a salvação, de sorte que também cruz e morte são obrigadas a servir-me e cooperar para a salvação.

19 Cf. Jo 18.36.

20 Cf. Hb 5-7.

21 Cf. 2 Co 12.9.

Esta é uma dignidade árdua e insigne e um verdadeiro poder onipotente, um império espiritual no qual nenhuma coisa é tão boa, nenhuma tão ruim que não cooperasse para meu bem, desde que eu creia. Não obstante, visto que a fé sozinha basta para a salvação, não tenho necessidade de coisa alguma, a não ser que a fé exerça nela o poder e o império de sua liberdade. Eis aqui o inestimável poder e liberdade dos cristãos.

E não somos apenas os mais livres reis, mas também sacerdotes em eternidade, o que é bem mais excelente do que ser rei, porque por meio do sacerdócio somos dignos de comparecer perante Deus, orar por outros e ensinar-nos mutuamente sobre as coisas de Deus. Pois estes são ofícios dos sacerdotes, que de forma alguma podem ser conferidos a algum descrente. Assim Cristo no-lo conseguiu, se nele cremos, para que, como co-irmãos, co-herdeiros e co-reis, também sejamos seus co-sacerdotes, ousando aparecer perante Deus em confiança e pelo espírito da fé, e clamar "Aba, Pai"[22], orar um pelo outro e fazer tudo o que vemos o ofício visível e corporal dos sacerdotes fazer e figurar. A quem, todavia, não crê, a este nada serve ou coopera para o bem; antes, é servo de tudo, e todas as coisas lhe vêm para o mal, porque faz uso de todas as coisas de modo ímpio, para seu próprio proveito, não para a glória de Deus. Assim ele também não é sacerdote, mas profano, cuja oração se transforma em pecado e jamais chega perante Deus, porque Deus não atende os pecadores[23]. Quem, pois, é capaz de entender a altura da dignidade cristã, que por seu poder régio domina todas as coisas: a morte, a vida, o pecado, etc., que pela glória sacerdotal pode tudo junto a Deus, porque Deus faz o que ela pede e deseja, como está escrito: "Ele[24] fará a vontade dos que o temem, e atenderá sua prece, e os salvará" [Sl 145.19]? A esta glória com certeza ele chega por nenhuma obra, mas somente pela fé.

Disso cada qual pode ver com clareza de que modo o cristão é livre de todas as coisas e está acima de todas as coisas, de modo que não precisa de nenhuma obra para ser justo e salvo, mas a fé sozinha lhe presenteia tudo isso em abundância. Mas se fosse tão tolo que presumisse ser justo, livre, salvo, cristão por alguma boa obra, imediatamente perderia a fé com todos os bens, estultícia esta muito bem descrita naquela fábula[25] do cachorro que, passando pela água com um naco de carne verdadeira na boca, é enganado pela imagem da carne refletida na água e, ao querer abocanhar a esta de boca aberta, perde simultaneamente a carne verdadeira com a imagem.

Aqui perguntas: "Se todos os que estão na Igreja são sacerdotes, em que sentido se distinguem dos leigos aqueles que agora chamamos de sacerdotes?" Respondo: foi feito injustiça a estes vocábulos: "sacerdote", "clérigo", "espiritual", "eclesiástico", porquanto foram transferidos de todos os demais cristãos para aqueles poucos que agora, por uso prejudicial, são chamados de eclesiásticos. Pois a Escritura Sagrada não faz nenhuma diferença entre eles, a não ser que chama de ministros, servos, administradores àqueles que agora se jac-

22 Cf. Rm 8.15; Gl 4.6.

23 Cf. Jo 9.31.

24 Sc. Deus.

25 Fedro, *Fábulas* I,4.

tam de papas, bispos e senhores, que devem servir aos outros com o ministério da Palavra, para que seja ensinada a fé em Cristo e a liberdade dos fiéis. Pois ainda que seja verdade que todos somos sacerdotes de igual modo, mesmo assim não podemos todos servir e ensinar publicamente, nem o devemos, ainda que o pudéssemos. Assim diz Paulo em 1 Co 4.1: "Assim a pessoa nos tenha em conta de ministros de Cristo e administradores dos mistérios de Deus."

Agora, porém, esta administração virou tal pompa de poder e terrível tirania que nenhum poder dos gentios nem do mundo lhe pode ser comparado, como se os leigos fossem algo diferente de cristãos. Esta perversidade fez com que se perdesse totalmente o conhecimento da graça, fé, liberdade cristã e de todo o Cristo, e seu lugar foi ocupado por obras e leis humanas em um cativeiro intolerável. De acordo com as Lamentações de Jeremias[26], somos feitos servos das pessoas mais vis que há na terra, que se aproveitam de nossa miséria para [cometer] toda sorte de torpezas e ignomínias de sua vontade.

Voltando àquilo pelo qual começamos, creio que por meio disso se evidencia que não é suficiente nem cristão pregar as obras, vida e palavras de Cristo no sentido histórico ou como fatos acontecidos, cujo conhecimento seria suficiente como exemplo da vida a ser concretizada — e esta é a maneira de pregar daqueles que hoje são os primeiros. Muito menos é suficiente e cristão quando se silencia totalmente [a respeito de Cristo] e ensinam, em seu lugar, leis humanas e decretos dos pais. Já agora não são poucos os que pregam a Cristo e o lêem com a intenção de comover os sentimentos humanos a terem condolência com Cristo, para indignar os judeus e outras pueris e afeminadas tolices desta espécie. No entanto é necessário pregar com o objetivo de que seja promovida a fé nele, para que ele não seja apenas o Cristo, mas seja o Cristo para ti e para mim, e opere em nós o que dele se diz e como ele é denominado. Esta fé, porém, nasce e é preservada quando é pregado por que Cristo veio, o que trouxe e concedeu, com que proveito e gozo ele deve ser aceito. Isso acontece onde é ensinada corretamente a liberdade cristã que dele temos, e por que razão todos os cristãos somos reis e sacerdotes, no que somos senhores de tudo, e confiamos que tudo que fazemos é agradável e aceito perante Deus, como disse até aqui.

Qual é o coração que não se alegrará até o íntimo e não se enternecerá no amor a Cristo por tanto consolo recebido, ao ouvir isso? A tal amor ele jamais pode chegar através de quaisquer obras ou leis. Quem poderá causar dano a tal coração ou assustá-lo? Se irromper a consciência do pecado ou o horror da morte, [a pessoa] está preparada para esperar no Senhor, e não teme estas más notícias nem se deixa comover, até que olhe seus inimigos com desprezo[27]. Pois crê que a justiça de Cristo é sua, e que o pecado já não é seu, mas de Cristo. Em face da justiça de Cristo todo pecado tem que ser absorvido por causa da fé em Cristo, como está dito acima[28]. E com o apóstolo ela aprende a insultar a morte e o pecado, e dizer: "Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado,

26 Cf. Lm 1.11. 27 Cf. Sl 112.7s. 28 Cf. p. 442.

e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, porém, que nos deu a vitória por Jesus Cristo, nosso Senhor." [1 Co 15.55ss.] Pois a morte está absorvida na vitória, não só na de Cristo mas também na nossa, porque pela fé ela se torna nossa e porque nela também nós vencemos.

Seja isso dito a respeito da pessoa interior, de sua liberdade e da justiça-mor da fé, que não necessita nem de leis nem de boas obras, sim, estas lhe são prejudiciais se alguém presume ser justificado por meio delas.

Voltemo-nos agora *à segunda parte — à pessoa exterior.* Pois aqui se responderá a todos aqueles que, ofendidos pela palavra da fé e pelo que foi dito, dizem: "Se a fé faz tudo e ela sozinha basta para a justiça, por que foram ordenadas boas obras? Entreguemo-nos à preguiça e nada façamos, satisfeitos com a fé." Eu respondo: não, seus ímpios, assim não! As coisas, na verdade, seriam assim se fôssemos total e perfeitamente interiores e espirituais, o que não acontece, a não ser no dia derradeiro da ressurreição dos mortos. Enquanto vivemos na carne, apenas começamos, e progredimos no que será levado à perfeição na vida futura, razão por que em Rm 8.23 o apóstolo chama de primícias do Espírito o que temos nesta vida, ficando por receber os dízimos e a plenitude do Espírito no futuro. Por isso é este o momento de dizer o que foi afirmado acima[29]: o cristão é servo de tudo e a todos sujeito. Pois na medida em que é livre, ele nada opera; na medida, porém, em que é servo, opera tudo; por que razão isso é assim, veremos.

Ainda que a pessoa (como disse[30]) seja suficientemente justificada interiormente, segundo o Espírito, por meio da fé, tendo tudo o que precisa ter, a não ser que esta mesma fé e opulência tem que crescer dia a dia, até a vida futura — ainda assim a pessoa permanece nesta vida mortal sobre a terra, na qual é necessário que ela governe seu próprio corpo e lide com pessoas. Aqui agora começam as obras; aqui não se deve ficar ocioso; aqui por certo há que se cuidar para que o corpo seja exercitado com jejuns, vigílias, trabalhos e outras disciplinas moderadas, e seja subordinado ao Espírito, para que obedeça e seja conforme à pessoa interior e à fé, não se rebele contra ela ou a impeça, como é de sua índole, quando não coibida. Pois a pessoa interior é conforme a Deus e criada à imagem de Deus por meio da fé, alegra-se e tem prazer por causa de Cristo no qual lhe foram concedidos tantos bens, razão por que tem uma só preocupação: servir a Deus com alegria e gratuitamente, em livre amor.

Enquanto faz isso, eis que depara em sua própria carne com uma vontade contrária, que se esforça por servir ao mundo e buscar o que é seu. Isto o espírito da fé não pode nem quer suportar, e a[31] agride com alegre iniciativa, para reprimir e coibi-la, como diz Paulo em Rm 7.22s.: "Segundo a pessoa interior, deleito-me com a lei de Deus. Vejo, porém, em meus membros outra lei que guerreia contra a lei de minha mente e me cativa na lei do pecado." E em outra parte: "Castigo meu corpo e o reduzo à escravidão, para não

29 Cf. p. 437. 30 Cf. p. 445. 31 Sc. a vontade da carne.

acontecer que, pregando a outros, eu próprio me torne reprovável." [1 Co 9.27.] E Gl 5.24: "Os que são de Cristo crucificaram sua carne com suas concupiscências."

Estas obras, porém, não devem ser feitas na opinião de que por elas alguém fosse justificado perante Deus — pois a fé, que sozinha é a justiça perante Deus, não suporta esta opinião falsa. Elas devem ser feitas apenas com a intenção de levar o corpo à servidão e purificá-lo de suas más concupiscências, de maneira que o olhar se volte tão-somente para as concupiscências a serem expurgadas. Visto que a alma é purificada pela fé e levada a amar a Deus, ela quer que tudo seja purificado de igual modo, precipuamente o próprio corpo, para que com ela tudo ame e louve a Deus. Assim acontece que a pessoa, por causa da exigência de seu corpo, não pode ficar ociosa, e por causa dele é obrigada a obrar muitas coisas boas, para submetê-lo à servidão. Mesmo assim, as obras não são aquilo pelo qual [a pessoa] é justificada perante Deus, mas ela as faz por amor gratuito em obséquio de Deus, nada objetivando senão o beneplácito divino, ao qual gostaria de obsequiar em tudo da forma mais oficiosa.

Por isso cada um pode concluir com facilidade em que medida ou discrição (como dizem) deve castigar seu corpo: jejuará, vigiará e trabalhará tanto quanto julgar suficiente para reprimir a lascívia e a concupiscência do corpo. Os que, porém, presumem ser justificados pelas obras dão valor não à mortificação das concupiscências, mas unicamente às próprias obras, pensando que se fizessem o mais possível e as maiores, estariam bem e se teriam tornado justos, inclusive lesando, às vezes, o cérebro e destruindo a natureza, ou, ao menos, tornando-a inútil. É uma enorme insensatez e ignorância da vida e fé cristã querer ser justificado e salvar-se sem a fé, pelas obras.

Para melhor compreensão do que dissemos, queremos explaná-lo por comparações. As obras de uma pessoa cristã, justificada e salva por sua fé por mera e gratuita misericórdia de Deus, não devem ocupar outra posição do que teriam tido as obras de Adão e Eva no paraíso e de todos os filhos, se não tivessem pecado, a respeito dos quais Gn 2.15 diz o seguinte: "Colocou Deus ao ser humano, ao qual formara, no paraíso para que o trabalhasse e dele cuidasse." Ora, Adão fora criado por Deus justo e reto, e sem pecado, de modo que não tinha necessidade de se tornar justo e reto por seu trabalho e cuidado; no entanto, para não andar ocioso, Deus lhe deu a tarefa de cultivar e guardar o paraíso, o que teriam sido obras verdadeiramente libérrimas, feitas por nenhuma outra razão a não ser para o beneplácito de Deus, não para obter a justiça, a qual já tinha plenamente e que também teria sido congênita a todos nós.

Assim [são] também as obras de uma pessoa crente que, por sua fé, é recolocada no paraíso e criada de novo, não necessitando de obras para tornar-se justa ou ser justa; no entanto, para que não ande ociosa, e trabalhe e conserve seu corpo, ela tem que fazer tais obras livres, com o único intuito de agradar a Deus, apenas porque ainda não somos plenamente recriados em perfeita fé e amor, que devem crescer, mas por si mesmas, e não por obras.

Outro exemplo: o bispo consagrado, quando consagra um templo, confirma crianças ou faz qualquer outra coisa de seu ofício, não é sagrado bispo por essas mesmas obras, sim, se não fosse antes consagrado bispo, nenhuma destas obras teria valor, mas seriam estultas, pueris e farsistas. Assim o cristão, consagrado por sua fé, faz boas obras, mas por meio delas não se torna mais consagrado ou cristão, pois isso é assunto exclusivo da fé, sim, se não cresse primeiro e fosse cristão, todas as suas obras não valeriam absolutamente nada, mas seriam pecados verdadeiramente ímpios e condenáveis.

Por isso são verdadeiros estes dois provérbios: "As boas obras não fazem o homem bom, mas o homem bom faz boas obras." "As más obras não fazem o homem mau, mas o homem mau faz obras más." De sorte que sempre é necessário que a própria substância ou pessoa seja boa antes de todas as obras boas, e que as obras boas procedam e provenham da pessoa boa. Como também diz Cristo: "A árvore má não produz frutas boas, a árvore boa não produz más frutas." [Mt 7.18.] Claro está que as frutas não carregam a árvore e nem a árvore cresce nas frutas; pelo contrário, as árvores carregam as frutas, e as frutas crescem nas árvores. Tal como, pois, é necessário que as árvores existam antes de suas frutas, e as frutas não fazem as árvores nem boas nem más, mas, pelo contrário, como as árvores, tais as frutas; assim é necessário que primeiro a própria pessoa humana seja ou boa ou má antes que faça uma obra boa ou má, e suas obras não a fazem boa ou má, mas ela mesma faz suas obras ou boas ou más.

Coisa semelhante se pode observar em todos os ofícios. Uma casa boa ou má não faz o carpinteiro bom ou mau, mas o carpinteiro bom ou mau faz a casa boa ou má. Em geral, nenhuma obra faz o artífice tal qual ela é, mas o artífice faz a obra tal qual ele é. O mesmo acontece com as obras das pessoas: tal qual ela é, seja na fé, seja na descrença, assim também é sua obra — boa, quando feita na fé, má, quando feita na incredulidade. Isso, porém, não se pode inverter, de modo que, tal qual a obra, será também a pessoa na fé ou na descrença. Pois assim como as obras não fazem o fiel, também não fazem o justo. A fé, todavia, assim como faz o fiel e o justo, também faz as boas obras. Visto, portanto, que as obras não justificam a ninguém, e visto que é necessário que a pessoa seja justa antes que faça o bem, está manifestíssimo que é a fé sozinha que, por mera misericórdia de Deus, por meio de Cristo, em sua palavra, justifica e salva a pessoa de modo digno e suficiente, e que para a salvação não há necessidade de nenhuma obra, de nenhuma lei para a pessoa cristã, uma vez que pela fé está livre de toda lei e faz tudo por mera liberdade, gratuitamente, qualquer coisa que faça, não buscando seu proveito ou salvação — uma vez que já está satisfeita e salva pela graça de Deus a partir de sua fé — mas somente o beneplácito de Deus.

Da mesma forma também ao incrédulo nenhuma boa obra tem valor para a justiça e a salvação. E vice-versa, nenhuma obra má faz dele uma pessoa má ou condenada, e sim a incredulidade, que torna a pessoa e a árvore más, faz obras más e condenadas. Quando, pois, alguém se torna bom ou mau, isso não começa nas obras, mas na fé ou na incredulidade, como diz o Sábio: "Ini-

cio do pecado é afastar-se de Deus" [Eclo 10.14], isto é, não crer. E Paulo em Hb 11.6: "É necessário que aquele que se aproxima creia." E Cristo também diz: "Ou fazei boa a árvore, e boas as frutas, ou fazei má a árvore, e más as frutas" [Mt 12.33], como se dissesse: "Quem quer ter frutas boas, comece pela árvore boa e plante uma boa." Assim, quem quer obrar coisas boas, não comece pelo obrar, mas pelo crer, o que faz boa a pessoa. Porque só a fé faz a pessoa boa, e só a incredulidade a faz má.

De fato é verdade que perante as pessoas a gente se torna boa ou má pelas obras; esse "tornar-se", porém, significa revelar-se ou ser reconhecido como quem é bom ou mau, como diz Cristo em Mt 7.20: "Pelos seus frutos os conhecereis." Isto tudo, porém, fica na aparência e no exterior, matéria na qual se enganam muitos que ousam escrever e ensinar sobre as boas obras pelas quais seríamos justificados, enquanto nem sequer se lembram da fé, trilhando seus caminhos, enganados e enganando sempre[32], indo de mal a pior, cegos guias de cegos[33], fatigando-se em muitas obras e, assim mesmo, jamais alcançando a verdadeira justiça. A respeito deles S. Paulo diz em 2 Tm 3.5,7: "Tendo aparência de piedade, negando-lhe, porém, o poder, sempre aprendendo, e jamais alcançando o conhecimento da verdade."

Quem, portanto, não quer errar com estes cegos, tem que olhar para além das obras, leis ou doutrinas de obras, sim, tem que desviar o olhar das obras e voltá-lo para a pessoa e por que razão ela é justificada. A pessoa, porém, não é justificada e salva por obras nem por leis, mas pela palavra de Deus (isso é, pela promissão de sua graça), para que permaneça a glória da majestade divina, que não nos salvou por obras da justiça que nós fizemos, mas de acordo com sua misericórdia, por meio da palavra de sua graça, quando cremos.

A partir disso é fácil reconhecer por que razão as boas obras devem ser rejeitadas ou aceitas, e segundo que regra se devem entender todas as doutrinas ensinadas sobre as obras. Pois se as obras são comparadas à justiça e são feitas no perverso leviatã[34] e na falsa convicção de se presumir ser justificado por elas, elas já impõem uma obrigação e eliminam a liberdade juntamente com a fé. E justamente neste acréscimo elas já não são boas, mas verdadeiramente condenáveis, pois não são livres e blasfemam contra a graça de Deus, a quem exclusivamente compete justificar e salvar pela fé. As obras não têm poder para tanto, e, assim mesmo, em ímpia presunção, pretendem fazê-lo por esta nossa estultícia, e assim interferem violentamente no ofício da graça e da glória dele. Portanto não rejeitamos boas obras; ao contrário, as aceitamos e ensinamos ao máximo. Condenamo-las não por si próprias, mas por causa desse ímpio acréscimo e convicção perversa da aquisição da justiça[35], que tem por conseqüência que elas parecem boas só na aparência, enquanto, na realidade, não são boas. Por meio delas eles são enganados e enganam como lobos roubadores travestidos de ovelhas[36].

32 Cf. 2 Tm 3.13.
33 Cf. Mt 5.14.
34 Cf. Is 27.1; Jó 41.1.
35 Sc. através das obras.

Este leviatã e convicção perversa a respeito das obras, porém, é invencível onde falta a fé sincera; pois ele[37] não pode ficar afastado daqueles santarrões de obras antes que a fé venha como sua devastadora e reine no coração. Por si mesma a natureza não o pode expelir, sim, nem mesmo reconhecê-lo, mas inclusive o considera como a santíssima vontade. Se então ainda acresce o hábito e corrobora esta depravação da natureza (como foi feito por mestres ímpios), o mal é incurável, seduz e leva à perdição a inúmeros, de forma irrecuperável. Por isso, ainda que seja bom pregar e escrever acerca da penitência, confissão e satisfação, sem dúvida as doutrinas são enganadoras e diabólicas quando se fica parado nisto e não se avança até o ensino da fé. Pois Cristo, juntamente com o amado João, não apenas disse: "Fazei penitência", mas acrescentou a palavra da fé, ao dizer: "pois o reino dos céus se aproxima." [Mt 4.7.]

Pois é preciso pregar ambas as palavras de Deus e não apenas uma, tirar do tesouro coisas novas e velhas[38], tanto a voz da lei quanto a palavra da graça. É necessário proferir a voz da lei para que se assustem e sejam conduzidos ao conhecimento de seus pecados, e a partir daí se convertam à penitência e a uma melhor conduta de vida. Mas não se deve parar aqui, pois isso seria somente vulnerar e não ligar, ferir e não sarar, matar e não vivificar, levar ao inferno e não retirar, humilhar e não exaltar. Por isso devem ser pregadas tanto a palavra da graça quanto a da remissão prometida para ensino e erguimento da fé, sem o que lei, contrição, penitência e tudo o mais acontecem e são pregadas em vão.

Existem até hoje pregadores da penitência e da graça, mas eles não explicam a lei e a promissão de Deus com o fim e no espírito de se poder aprender de onde vêm a penitência e a graça. Pois a penitência provém da lei de Deus, mas a fé ou a graça provém da promissão de Deus, conforme diz Rm 10.17: "A fé vem do ouvir, o ouvir, porém, pela palavra de Cristo." Daí decorre que é consolada e exaltada pela fé na divina promissão a pessoa que foi humilhada pelas ameaças e pelo temor da lei divina, e levada ao conhecimento de si mesma, como diz Sl 29[30].5: "O choro perdurará até a véspera, e a alegria até a manhã."

Seja dito isso a respeito das obras em geral e, ao mesmo tempo, a respeito daquelas que o cristão faz a seu próprio corpo. Por fim queremos falar também daquelas que ele faz a seu próximo. Pois a pessoa não vive somente para si mesma neste corpo mortal, para operar nele, mas também para todas as pessoas na terra, sim, ela vive somente para os outros, e não para si. Pois para isso sujeita seu corpo, para assim poder servir a outros com mais sinceridade e liberdade, como diz Paulo em Rm 14.7s.: "Ninguém vive para si, nem morre

36 Cf. Mt 7.15.
37 Sc. o leviatã, a convicção perversa a respeito das obras.
38 Cf. Mt 13.52.

para si; pois quem vive, vive para o Senhor, e quem morre, morre para o Senhor." Por isso não pode acontecer que ela seja ociosa nesta vida e sem obra a favor de seus próximos. Pois é necessário que fale com as pessoas, aja e lide com elas, como também Cristo, feito em semelhança de pessoa humana[39], foi encontrado segundo a aparência como pessoa humana, e se envolveu com as pessoas, conforme Baruque 3.38.

Nada disso, porém, lhe é necessário para a justiça e a salvação. Por isso a pessoa deve, em todas as suas obras, estar orientada por esta idéia e visar somente isto: servir a outros e ser-lhes útil em tudo que faz, nada tendo em vista senão a necessidade e a vantagem do próximo. Pois assim nos ordena o apóstolo: que trabalhemos com as mãos, para disso dar ao que tem necessidade[40], quando poderia ter dito: para com isso nos alimentarmos a nós mesmos. Ele, porém, diz: "para dar ao que tem necessidade". E nesse mesmo sentido também é cristão cuidar do corpo, para que, por meio de seu vigor e bem-estar, possamos trabalhar, adquirir bens e preservá-los para subsídio daqueles que têm carência, para que assim o membro robusto sirva ao membro fraco, e sejamos filhos de Deus, um preocupado e trabalhando pelo outro, carregando os fardos uns dos outros e assim cumprindo a lei de Cristo[41]. Esta é a verdadeira vida cristã, aqui de fato a fé atua pelo amor[42], isso é, entrega-se com alegria e amor à obra da servidão libérrima, com a qual serve ao outro gratuita e espontaneamente, enquanto ela própria está abundantemente satisfeita com a plenitude e opulência de sua fé.

Assim, tendo Paulo ensinado os filipenses quão ricos se haviam tornado pela fé em Cristo, na qual haviam obtido tudo, continua a ensiná-los, dizendo: "Se há alguma consolação de Cristo, se há alguma consolação do amor, se há alguma comunhão do Espírito, completai minha alegria, tendo o mesmo pensamento e o mesmo amor, unânimes, com os mesmos sentimentos, nada [fazendo] por contenção nem por vanglória, mas considerando superiores uns aos outros em humildade, cada qual não considerando o que é seu, mas o que é dos outros." [Fp 2.1-4.] Aqui vemos com clareza que a vida dos cristãos foi colocada nessa regra pelo apóstolo, para que todas as nossas obras se orientem para a vantagem dos outros, visto que, por sua fé, cada qual tem tal abundância que todas as demais obras e toda a sua vida lhe sobram, para por elas servir e beneficiar o próximo em benevolência espontânea.

Para tanto cita a Cristo como exemplo, dizendo: "Tende em vós o sentimento que houve também em Cristo Jesus, o qual, ainda que estando em forma de Deus, não considerou roubo ser igual a Deus, mas exinaniu-se a si mesmo, assumindo forma de servo, foi feito em semelhança das pessoas e, quanto à aparência, foi encontrado como pessoa humana, e foi feito obediente até a morte." [Fp 2.5-8.] Essa salubérrima palavra do apóstolo obscureceram-nos aqueles que não entenderam absolutamente os vocábulos apostólicos "forma de Deus", "forma de servo", "aparência", "semelhança das pessoas", e as

39 Cf. Fp 2.7.
40 Cf. Ef 4.28.
41 Cf. Gl 6.2.
42 Cf. Gl 5.6.

aplicaram às naturezas da divindade e da humanidade, ao passo que Paulo quer dizer o seguinte: ainda que pleno da forma de Deus e abundando de todos os bens, de modo que não necessitou de nenhuma obra nem sofrimento para se tornar justo e salvo (pois tinha tudo isso imediatamente, desde o início), Cristo não se ensoberbeceu com isso, não se elevou acima de nós e não se arrogou algum poder sobre nós, ainda que, por direito, o pudesse ter feito; pelo contrário, agiu, operou, sofreu, morreu de tal maneira que ficou semelhante às demais pessoas, não diferente de uma pessoa humana na aparência e no gesto, como se necessitasse de tudo isso e nada tivesse das formas de Deus. Ainda assim fez tudo isso por nossa causa, para nos servir e para que se tornasse nosso tudo que ele realizou nesta forma de servo.

Assim o cristão, pleno e satisfeito por sua fé, da mesma forma como seu cabeça Cristo, deve estar contente com tal forma de Deus obtida pela fé, exceto que (como disse) deve aumentar esta mesma fé, até que chegue à perfeição; pois esta é sua vida, justiça e salvação, preservando a própria pessoa, tornando-a grata e lhe atribuindo tudo que Cristo tem, como está dito acima e Paulo confirma em Gl 2.20, dizendo: "O que, porém, vivo na carne, vivo na fé no Filho de Deus." E ainda que seja desta forma livre de todas as obras, deve, por outro lado, exinanir-se disso em liberdade, assumir forma de servo, tornar-se em semelhança de pessoa humana e, pela aparência, ser encontrado como pessoa, e servir, ajudar e agir com seu próximo de todos os modos conforme vê que se agiu com ele por parte de Deus por meio de Cristo, e isso gratuitamente, sem nenhuma consideração que não o beneplácito divino. E deve pensar assim: "Eis que em Cristo meu Deus deu a mim, homúnculo indigno e condenado, sem nenhum mérito, por mera e gratuita misericórdia, todas as riquezas da justiça e da salvação, de sorte que além disso não necessito absolutamente de mais nada a não ser da fé que crê que as coisas são de fato assim. Portanto, como não faria a este Pai, que me cobriu com suas inestimáveis riquezas, livre e alegremente, de todo o coração e com dedicação espontânea, tudo que sei ser agradável e grato perante ele? Assim me porei à disposição de meu próximo como um Cristo, do mesmo modo como Cristo se ofereceu a mim, nada me propondo a fazer nesta vida a não ser o que vejo ser necessário, vantajoso e salutar a meu próximo, visto que, pela fé, tenho abundância de todos os bens em Cristo."

Eis que assim flui da fé o amor e a alegria no Senhor, e do amor, um ânimo alegre, solícito, livre para servir espontaneamente ao próximo, de sorte que não calcule com gratidão ou ingratidão, louvor ou vitupério, lucro ou dano. Pois não faz isso para conquistar pessoas para si, nem distingue entre amigos e inimigos, nem suspeita de gratos e ingratos; mas distribui com total liberdade e solicitude a si mesmo e o que é seu, quer desperdice tudo com os ingratos, quer colha reconhecimento. Assim procede também seu Pai, distribuindo tudo entre todos com abundância e com a máxima liberalidade, fazendo seu sol nascer sobre bons e maus[43]. Assim também procede e sofre o fi-

43 Cf. Mt 5.45.

lho em alegria gratuita, com que se alegra, por meio de Cristo, em Deus, o doador de tão grandes dádivas.

Vês, portanto: se reconhecemos as grandes e preciosas coisas que nos são dadas, como diz Paulo[44], logo se difunde, por meio do Espírito, em nossos corações o amor, pelo qual somos obradores livres, alegres, onipotentes e vitoriosos sobre todas as tribulações, servos dos próximos, e assim mesmo senhores de tudo. Os que, porém, não reconhecem o que lhes é dado através de Cristo, para estes Cristo nasceu em vão, estes vivem pelas obras, sem jamais chegar ao gosto e à percepção daquelas coisas. Assim como nosso próximo tem necessidade e precisa de nossa abundância, da mesma maneira também nós temos necessidade perante Deus e precisamos de sua misericórdia. Por isso, tal qual o Pai celeste nos auxiliou gratuitamente em Cristo, devemos também nós auxiliar a nosso próximo gratuitamente pelo corpo e suas obras, e cada qual tornar-se para o outro como que um Cristo, para que sejamos Cristos um para o outro, e o próprio Cristo esteja em todos, isso é, para que sejamos verdadeiros cristãos.

Quem, pois, será capaz de compreender as riquezas e a glória da vida cristã? que tudo pode e tem e de nada necessita, senhora do pecado, da morte e do inferno, e, ao mesmo tempo, serva de todos, obsequiosa e útil? mas que, para pesar nosso, é hoje ignorada em todo o mundo, não é nem pregada nem procurada, a tal ponto que desconhecemos totalmente nosso próprio nome, por que somos e nos chamamos cristãos. Sem dúvida temos este nome de Cristo, não do Cristo ausente, mas do Cristo que habita em nós, isso é, quando cremos nele e, por outro lado, somos mutuamente um Cristo um para o outro, fazendo aos próximos o mesmo que Cristo fez a nós. Hoje, porém, não se nos ensina outra coisa por meio das doutrinas humanas senão procurar méritos, recompensas e as coisas nossas, e de Cristo fizemos nada mais do que um exator bem mais severo que Moisés.

Um exemplo dessa mesma fé nos forneceu, mais que os outros, a beata Virgem, quando (como está escrito em Lc 2.22ss.) se purificou segundo a lei de Moisés, de acordo com o costume de todas as mulheres; ainda que não estivesse subordinada a tal lei nem tivesse necessidade de se purificar, ela se sujeitou à lei espontaneamente e em livre amor, sendo igual às demais mulheres, para que não as ofendesse ou desprezasse. Ela, portanto, não foi justificada por esta obra, mas, como justa, a fez gratuita e livremente; assim também devem ser feitas nossas obras, não por causa da justificação, visto que, primeiramente justificados pela fé, devemos fazer tudo livre e alegremente por causa dos outros.

Também S. Paulo circuncidou seu discípulo Timóteo[45], não porque ele necessitasse da circuncisão para a justiça, mas para não ofender ou desprezar os judeus fracos na fé, que ainda não tinham condições de entender a liberdade da fé. Por outro lado, quando, desprezando a liberdade da fé, insistiam que a circuncisão era necessária para a justiça, resistiu, e não permitiu que Tito

44 Cf. Rm 5.5.

45 Cf. At. 16.1-3.

fosse circuncidado (Gl 2.3). Pois assim como não quis ofender ou desprezar a fraqueza de fé de ninguém, cedendo temporariamente à vontade deles, do mesmo modo não quis, por outro lado, que a liberdade da fé sofresse dano ou desprezo por parte dos legalistas endurecidos, encetando um caminho intermediário, poupando temporariamente os fracos e resistindo sempre aos endurecidos, para converter todos à liberdade da fé. O que nós fazemos deve ser feito no mesmo esforço, para que aceitemos os fracos na fé, como ele ensina em Rm 14.1ss., mas resistamos com força aos empedernidos mestres das obras, do que queremos falar mais em seguida.

Em Mateus 17.24ss., quando de seus discípulos se exigiram as duas dracmas, Cristo discutia com S. Pedro se os filhos do rei não estariam livres de tributos. Ainda que Pedro afirmasse isso, ordenou-lhe ir ao mar, dizendo: "Para que não sejamos motivo de tropeço para eles, vai, e o primeiro peixe que subir, a este toma, e abrindo-lhe a boca, encontrarás um estéter, ao qual tomarás e pagarás por mim e por ti." Este exemplo se aplica de forma bonita a nosso tema: Cristo chama a si e aos seus de pessoas livres e filhos de rei, que de nada necessitam, e assim mesmo ele se submete espontaneamente e paga o tributo. Tanto quanto, pois, esta obra foi necessária ou útil a Cristo para a justiça ou a salvação, tanto valem para a justiça também todas as outras obras dele e as dos seus, visto que todas são posteriores à justiça e livres, feitas somente para obséquio e exemplo dos outros.

No mesmo sentido vai o que Paulo ordenou em Rm 13 e Tt 3: que deveriam ser sujeitos aos poderes e prontos para toda boa obra; não para com isso serem justificados, visto que já são justos pela fé, mas para que por meio disso servissem em liberdade do Espírito a outros e aos poderes, e fizessem a vontade deles em amor gratuito. Tais devem ser também as obras de todas as fundações, mosteiros e sacerdotes, que cada qual faça as obras de sua profissão ou classe, não com o fito de alcançar a justiça, mas somente para exercitar a sujeição de seu corpo para exemplo de outros que igualmente precisam do castigo de seu corpo; depois, tão-somente para submeter-se a outros conforme a vontade deles, em amor gratuito, sempre, porém, com o maior cuidado, para que ninguém presuma em confiança vã que por isso seja justificado, obtenha algum mérito ou seja salvo. Isso somente a fé o pode, como disse repetidas vezes.

Se, portanto, alguém tivesse este saber, facilmente poderia conduzir-se sem perigo nos inúmeros mandamentos e preceitos do papa, dos bispos, mosteiros, igrejas, príncipes e magistrados, mandamentos e preceitos estes nos quais alguns pastores estultos insistem como se fossem necessários para a justiça e a salvação, e os chamam de preceitos da Igreja, embora sejam nada menos do que isso. Pois o cristão livre dirá: "Jejuarei, orarei, farei isso e aquilo que foi ordenado por pessoas humanas, não porque isso me seja necessário para a justiça ou a salvação, mas para que nisso mostre respeito ao papa, ao bispo, à comunidade, a este ou àquele magistrado, ou para exemplo de meu próximo. Farei e suportarei tudo como Cristo fez e suportou muito mais por mim, coisas das quais absolutamente não necessitava, tendo sido por mim posto sob

a lei, embora não estivesse sob a lei." E ainda que os tiranos pratiquem a força e a injustiça, exigindo estas coisas, assim mesmo não prejudicará, enquanto não for contra Deus.

De tudo isso cada qual pode tirar um juízo certo e uma discriminação fiel de todas as obras e leis, e saber quais são os pastores cegos e estultos e quais os verdadeiros e bons. Pois qualquer obra que não for dirigida tão-somente para servir ou ao castigo do corpo ou para obséquio do próximo — desde que nada exija contra Deus — não é boa nem cristã. E por isso temo veementemente que poucas ou nenhuma fundação, mosteiro, altares, ofícios eclesiásticos sejam cristãos hoje em dia, também não os jejuns e preces peculiares a certos santos. Temo, digo, que em tudo isso se busque somente o que é nosso, enquanto pensamos que, por meio disso, seriam purificados nossos pecados e encontrada a salvação. Assim é extinguida radicalmente a liberdade cristã, conseqüência da ignorância da fé cristã e da liberdade.

Muitos pastores totalmente cegos confirmam com afinco esta ignorância e opressão da liberdade, enquanto estimulam o povo a estas práticas e o urgem, elogiando-as e inflando-as com suas indulgências, jamais, porém, ensinando a fé. Eu, porém, quero ter-te aconselhado o seguinte: se queres orar, jejuar, instituir uma fundação na Igreja (como o chamam), cuida para que não o faças com o fito de com isso conquistar para ti alguma vantagem, seja temporal, seja eterna. Pois farias uma injustiça a tua fé que sozinha te fornece tudo; por isso somente ela merece o cuidado, para que aumente por meio de exercícios de obras ou de sofrimentos. Mas o que dás, dá-o livre e gratuitamente, para que outros sejam enriquecidos de ti e tua bondade e tenham bem-estar. Pois assim serás de fato bom e cristão. De que te servem tuas boas obras que bastam com sobra para castigo do corpo, quando tens o suficiente por meio de tua fé, na qual Deus te presenteou tudo?

Vê, de acordo com esta regra, os bens que temos de Deus devem fluir de um para o outro e tornar-se comuns, de sorte que cada qual assuma seu próximo e proceda com ele como se estivesse no lugar dele. Eles fluíram de Cristo e fluem para dentro de nós, ele que nos assumiu de tal modo e procedeu conosco como se ele fosse o que nós somos. De nós eles fluem para dentro daqueles que deles necessitam, a tal ponto que inclusive minha fé e justiça têm que colocar-se perante Deus, para cobrir e interceder pelos pecados do próximo que devo tomar sobre mim, e neles labutar e servir como se fossem meus próprios, pois foi isso que Cristo fez a nós. Este é, portanto, o verdadeiro amor e a regra sincera da vida cristã. Ele, porém, é verdadeiro e sincero lá onde é verdadeira e sincera a fé. Por isso o apóstolo descreve o amor como aquilo que não procura o que é seu (1 Co 13.5).

Concluímos, portanto, que a pessoa cristã não vive em si mesma mas em Cristo e em seu próximo, ou então não é cristã. Vive em Cristo pela fé, no próximo, pelo amor. Pela fé é levada para o alto, acima de si mesma, em Deus; por outro lado, pelo amor desce abaixo de si, até o próximo, assim mesmo permanecendo sempre em Deus e seu amor, como diz Cristo em Jo 1.51: "Em verdade vos digo, a partir de agora vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem."

Isso basta a respeito da liberdade que, como vês, é verdadeira e espiritual, tornando nossos corações livres de todos os pecados, leis e mandamentos, como diz Paulo em 1 Tm 1.9: "Para o justo não há lei." Ela supera todas as demais liberdades externas tanto quanto o céu é superior à terra. Que Cristo nos faça compreender e preservá-la. Amém.

Por fim ainda é preciso fazer um adendo por causa daqueles para os quais nada pode ser dito de modo tão claro que não o depravem por mal-entendido, se é que são capazes de compreender a este mesmo adendo. São muitíssimos os que, ouvindo desta liberdade da fé, logo a transformam em ensejo da carne, julgando que agora tudo lhes é permitido. Não têm outra maneira de mostrar que são livres e cristãos do que por meio do desprezo e crítica das cerimônias, tradições e leis humanas, como se fossem cristãos porque não jejuam nos dias estabelecidos, ou comem carne enquanto outros jejuam, ou omitem as preces usuais, ridicularizando os preceitos humanos de forma arrogante, pondo de lado, por outra, todas as demais coisas respeitantes à religião cristã. A estes, por sua vez, resistem do modo mais pertinaz aqueles que se esforçam para serem salvos somente pela observância e reverência das cerimônias, como se fossem salvos porque jejuam nos dias estabelecidos, ou se abstêm da carne, ou oram determinadas preces, jactando-se dos preceitos da Igreja e dos pais, não mexendo, porém, uma palha daquilo que são as coisas próprias de nossa fé sincera. Ambos são totalmente culpáveis, porque, tendo negligenciado as coisas mais importantes e necessárias para a salvação, lutam com tanto alarde pelas coisas insignificantes e desnecessárias.

Quanto mais certo está o apóstolo Paulo ao ensinar a tomar o caminho do meio, condenando ambos os lados, dizendo: "Quem come não despreze o que não come; e quem não come não julgue o que come." [Rm 14.3.] Vês aqui que aqueles que abandonam as cerimônias e as criticam não por piedade mas por mero desprezo, são repreendidos, visto que o apóstolo ensina a não desprezar; ocorre que a ciência os torna arrogantes. Por sua vez, aos outros pertinazes ele ensina a não julgar aqueles. Pois nenhum dos dois lados cuida do mútuo amor edificante. Por isso aqui é necessário ouvir a Escritura que ensina a não nos inclinarmos nem para a direita nem para a esquerda, mas que sigamos as retas justiças do Senhor que alegram os corações; pois assim como ninguém é justo porque serve às obras e aos ritos das cerimônias e é seu escravo, da mesma forma ninguém pode ser considerado justo somente porque omite e condena estas coisas.

Pois pela fé em Cristo não somos livres das obras mas do falso conceito das obras, isso é, da estulta presunção de uma justificação conseguida pelas obras. Pois redime, retifica e preserva nossas consciências a fé pela qual reconhecemos que a justiça não está nas obras, ainda que as obras não possam nem devam faltar; assim como não podemos existir sem comida e bebida e todas as obras deste corpo mortal, ainda que nossa justiça não resida nelas, mas na fé, nem por isso aquelas são condenáveis ou dispensáveis por causa

disso. Assim nos encontramos no mundo coagidos pela necessidade da vida deste corpo, mas por isso não somos justos. "Meu reino não é daqui ou deste mundo" [Jo 18.36], disse Cristo; mas não disse: "Meu reino não está aqui ou neste mundo." E Paulo: "Ainda que andemos na carne, não militamos segundo a carne." [2 Co 10.3.] E em Gl 2.20: "O que vivo na carne vivo na fé no Filho de Deus." Assim, o que fazemos, vivemos, somos nas obras e cerimônias, isso o faz a necessidade desta vida e o cuidado pelo governo do corpo; ainda assim não somos justos nestas coisas, mas na fé no Filho de Deus.

Por isso o cristão deve tomar o caminho do meio, e colocar diante de si estes dois tipos de pessoas. Ou se lhe deparam cerimonialistas pertinazes e endurecidos que, a exemplo das áspides surdas, não querem ouvir a verdade da liberdade[46], mas se jactam de suas cerimônias como se fossem justificações, ordenam-nas e insistem nelas sem fé, tal qual outrora os judeus que não queriam entender como agir bem. A estes é preciso resistir, fazer o contrário e escandalizá-los violentamente, para que com esta ímpia opinião não arrastem a muitos consigo ao erro. Na presença destes fica bem comer carne, romper o jejum e fazer a favor da liberdade da fé outras coisas que eles têm em conta de pecados máximos. A respeito deles se tem que dizer: "Deixai-os, são cegos e condutores de cegos." [Mt 15.14.] Deste modo também Paulo não quis que Tito se circuncidasse quando aqueles o pressionaram[47], e Cristo defendeu os apóstolos porque colhiam espigas em dia de sábado[48], e muitos casos semelhantes. Ou então se lhe deparam os simplices, ignorantes e fracos na fé (como os chama o apóstolo[49]), os que ainda não são capazes de entender esta liberdade da fé, mesmo que o quisessem. Estes devem ser poupados, para que não se melindrem, e é preciso ter consideração com sua fraqueza até que sejam melhor instruídos. Visto que não o fazem nem cogitam por malícia empedernida, mas tão-somente por fraqueza da fé, devem ser observados os jejuns e outras coisas que estes julgam necessários, para evitar que se escandalizem; pois isso exige o amor que a ninguém lesa, mas a todos serve. Pois não são fracos por culpa própria, mas por culpa de seus pastores que os prenderam no cativeiro e os machucaram terrivelmente com as armadilhas e armas de suas tradições, das quais deveriam ter sido libertados e sanados pela doutrina da fé e da liberdade. Assim [diz] o apóstolo em Rm 14.15: "Se minha comida escandaliza a meu irmão, jamais comerei carne."[50] E mais uma vez: "Sei que por meio de Cristo nada é comum a não ser para aquele que o considera comum; mas faz mal à pessoa que come com escândalo." [Rm 14.14.]

Por isso, ainda que se tenha que resistir energicamente a esses mestres das tradições e recriminar violentamente as leis dos pontífices com as quais investem contra o povo de Deus, deve-se poupar a multidão apavorada, a qual aqueles tiranos ímpios mantém cativa através dessas leis, até que se libertem. Por isso, luta duramente contra os lobos, mas a favor das ovelhas, e não simultaneamente contra as ovelhas. Farás isso se atacares as leis e os legisladores e não obstante ao mesmo tempo as cumprires em relação aos fracos, para que não sejam escandalizados, até que também eles reconheçam a tirania e compreendam sua liberdade. Se, pois, queres fazer uso de tua liberdade, faze-o em secreto, como diz Paulo em Rm 14.22: "A fé que tens, tem-na contigo mesmo perante Deus." Cuida, porém, que não a uses perante os fracos. Por outro lado, perante os tiranos e empedernidos, usa-a para desprezo de todos eles, com toda a persistência, para que também eles entendam que são ímpios e que suas leis de nada servem para a justiça, que inclusive sequer tinham o direito de estabelecê-las.

Visto, portanto, que não se pode viver esta vida sem cerimônias e obras, sim, que a fase fogosa e rude da adolescência tem necessidade de ser contida e preservada por estas barreiras, e que cada qual tem que castigar o corpo com estes esforços, o ministro de Cristo deve ser prudente e fiel para, em tudo isso, governar e ensinar o povo de Cristo de tal modo que sua consciência e fé não sejam melindradas, que neles não surja uma opinião ou raiz de amargura e por meio dela sejam contaminados muitos, como Paulo preveniu os hebreus[51]; isso é, para que não comecem, sob perda da fé, a contaminar-se com a falsa idéia das obras, como se devessem ser justificados por meio delas. Isso acontece com facilidade e contamina a muitos, quando não é simultaneamente inculcada a fé, porém é impossível de ser evitado onde, depois de silenciada a fé, somente são ensinadas instituições humanas, como foi feito até agora pelas pestilentas, ímpias, animicidas tradições de nossos pontífices e pelas opiniões dos pseudoteólogos, com infinitas almas arrastadas ao inferno por meio dessas armadilhas, de sorte que podes reconhecer o anticristo.

Em suma, como a pobreza se comprova nas riquezas, a fidelidade nos negócios, a humildade nas honrarias, a abstinência nas festas, a castidade nas delícias, assim a justiça da fé se comprova nas cerimônias. "Pode alguém", disse Salomão, "levar fogo no seio sem queimar suas roupas?" [Pv 6.27.] Não obstante, como em riquezas, negócios, honrarias, delícias, comidas, assim também é preciso conviver com cerimônias, isso é, com perigos. E mais: assim como os meninos pequenos têm absoluta necessidade de receber cuidados no seio e pelo cuidado de empregadas, para não perecerem, os quais contudo, quando adultos, correm risco de sua salvação ao conviver com moças, da mesma maneira é necessário às pessoas rudes e em idade fogosa que sejam contidas e dominadas pelas barreiras das cerimônias, inclusive férreas, para que seu espírito desenfreado não se lance no precipício dos vícios; contudo, será sua morte se nelas perseverarem, na falsa idéia da justificação. Antes, devem ser ensinadas no sentido de que não são encarceradas desse modo para que, por meio disso, sejam justas e merecedoras de muitas coisas, mas para que não pratiquem o mal e possam ser instruídas com mais facilidade para a justiça da fé, o que não suportariam, por causa do ímpeto da idade, se esse não fosse reprimido.

46 Cf. Sl 58.4s.
47 Cf. Gl 2.3.
48 Cf. Mt 12.1ss.
49 Cf. Rm 14.1.
50 Cf. 1 Co 8.13.
51 Cf. Hb 12.15.

Por isso as cerimônias não devem ocupar outro lugar na vida cristã do que ocupam os preparativos dispostos para a construção e operação entre operários e artífices. Eles não são feitos para serem algo ou para permanecerem, mas porque sem eles nada se pode construir ou fazer; depois de concluída a construção, são demolidos. Vês aqui que estas coisas não são desprezadas, mas procuradas ao máximo; o que se despreza é a falsa idéia, porque ninguém considera estas coisas como sendo a construção verdadeira e permanente. Se alguém fosse tão flagrantemente louco que em toda a vida não cuidasse de outra coisa do que dispor essas preparações da forma mais suntuosa, diligente e pertinaz possível, mas sem jamais pensar na construção em si, agradando-se a si mesmo e jactando-se de sua obra nestes preparativos e armações vãos, não iriam todos ter pena de sua loucura e achar que com este dispêndio perdido poderia ter sido construído algo grande? Assim não desprezamos nem as cerimônias nem as obras, pelo contrário, as procuramos ao máximo. No entanto, desprezamos a falsa idéia das obras, para que ninguém julgue que esta seria a verdadeira justiça, como fazem os hipócritas que gastam e perdem toda a vida nesses esforços, e jamais chegam ao alvo pelo qual o fizeram, ou, como diz o apóstolo: "Aprendendo sempre, e jamais chegando ao conhecimento da verdade." [2 Tm 3.7.] Parece que querem construir e se preparam para isso, mas não constroem nunca. Assim permanecem na aparência da piedade e não atingem seu poder[52]. Entrementes, porém, agradam-se a si mesmos em seus esforços e ousam inclusive julgar todos os outros aos quais não vêem brilhar em igual pompa de obras, enquanto que com este vão dispêndio e abuso das dádivas de Deus poderiam ter realizado grandes coisas para sua própria salvação e a de outros, se estivessem imbuídos de fé.

Visto, porém, que a natureza humana e a razão natural (como dizem) são supersticiosas por natureza e, quando lhes são prescritas quaisquer leis ou obras, tendem para a falsa idéia de que a justificação deve ser conquistada por elas, e ainda porque são exercitadas e firmadas neste mesmo sentido pela prática de todos os legisladores terrenos, é impossível que, por si mesmas, se livrem desta servidão das obras e cheguem ao conhecimento da liberdade da fé. Por isso é necessária a oração para que o Senhor nos atraia e faça de nós teodidatas, isto é, instruídos por Deus, e que ele inscreva em nossos corações a lei, como prometeu[53]. Do contrário, estamos perdidos. Pois se ele mesmo não ensinar interiormente esta sabedoria oculta no mistério[54], a natureza só pode condená-la e julgá-la herege, porque se escandaliza com ela e a considera estulta. É o que vimos acontecer outrora com os profetas e apóstolos, e assim também procedem hoje comigo e meus semelhantes os ímpios e cegos pontífices juntamente com seus aduladores, dos quais, um dia, Deus se comisere, juntamente conosco, e faça iluminar seu rosto sobre nós, para que na terra reconheçamos seu caminho, sua salvação em todos os povos[55]. Ele é bendito pelos séculos[56]. Amém.

52 Cf. 2 Tm 3.5.
53 Cf. Jo 6.45; Is 54.13; Jr 31.33.
54 Cf. 1 Co 2.7.
55 Cf. Sl 67.1s.
56 Cf. 2 Co 11.31.

Por que os Livros do Papa e de Seus Discípulos Foram Queimados pelo Doutor Martinho Lutero

Quem quiser que indique por que eles queimaram os livros do Dr. Lutero[1].

INTRODUÇÃO

Ao tornar-se conhecido o fato de que a bula de ameaça de excomunhão se encontrava a caminho, Lutero rompeu interiormente com Roma, em julho de 1520. Caso sua opinião viesse a ser queimada, queimaria de sua parte o direito papal, abandonando a posição humilde até então assumida[2]. A ruptura pública e oficial, no entanto, só se daria em dezembro de 1520. No dia 3 daquele mês, Espalatino[3] comunicava a Frederico, o Sábio[4], que Lutero pretendia queimar o direito papal, tão logo seus livros tivessem sido queimados em Leipzig[5]. Já a 10 de dezembro, Melanchthon[6] fazia uma publicação na igreja da cidade, através da qual convidava os amantes da verdade a se reunirem às 9 horas junto à Capela da Santa Cruz, perto do Portão do Elster. Seguindo antigo costume apostólico, seriam queimados ali livros ateus do direito papal e da teologia escolástica, pois os inimigos do Evangelho estariam queimando as obras evangélicas de Lutero. A juventude estudiosa e piedosa deveria participar dessa demonstração, pois estaria no tempo de o anticristo se revelar[7]. O ato foi organizado por João Agrícola[8], que procurou conseguir a *Suma teológica* de Tomás de Aquino[9] e o *Comen-*

1 *Warumb des Bapsts und seyner Jungernn bucher von Doct. Martino Luther vorbrant seynn. Lasz auch anczeygen wer do wil, warumb sie D. Luthers bucher vorprennet habenn*, WA 7, 161-82. Tradução de Luís M. Sander.
2 WA Br 2,137,25-41.
3 Sobre Espalatino, v. pp. 11-2, nota 4, e p. 97, nota 2.
4 Sobre Frederico, o Sábio, v. p. 11, nota 3, p. 97, nota 3, e p. 425, nota 3.
5 Cf. Martin BRECHT, *Martin Luther*, 2. ed., Stuttgart, Calwer, 1983, vol. 1 (Sein Weg zur Reformation; 1483-1521), p. 403.
6 Filipe Melanchthon, 1497-1560. Humanista e editor de autores clássicos, foi também autor de uma gramática grega. Professor na Universidade de Wittenberg, logo tornou-se amigo de Lutero e adepto do movimento reformatório. Organizador do sistema escolar da Saxônia, é o autor da *Confissão de Augsburgo* e da *Apologia da Confissão de Augsburgo*. Em 1521 publicou *Loci communes*, a primeira teologia sistemática luterana.
7 WA 7,183.
8 Aproximadamente 1499-1566, originalmente Johann Schneider. Nasceu em Eisleben. Estudou Teologia em Leipzig e Wittenberg. Foi aluno e amigo de Lutero, professor em Eisleben e Wittenberg, pregador da corte em Berlim, superintendente e visitador em Brandenburgo. Participou do Debate de Leipzig e das Dietas de Espira, Augsburgo e Ratisbona. Sentiu-se chamado a defender a doutrina reformatória, inclusive contra Lutero. Na primeira discussão antinomista (1527) voltou-se contra Melanchthon. Na segunda discussão (1537ss.) voltou suas baterias contra o próprio Lutero.
9 1225-1274. Dominicano, foi professor de Teologia em Paris, Roma e Nápoles. Aprofundando o conhecimento de Aristóteles e dos pais da Igreja, Tomás criou um dos mais impressio-